



LER FICÇÃO EM PORTUGAL E NO BRASIL: estudo comparativo entre os romances de sucesso de 1840 a 1870

Taís Franciscon (tais.franciscon@hotmail.com) • Orientação: Profa. Dra. Márcia de Azevedo Abreu • Depto. de Teoria Literária / IEL - Unicamp • Agência financiadora: Fapesp • Palavras-chave: anúncio - periódico - leitura - século XIX

INTRODUÇÃO

Este trabalho faz parte do Projeto Temático “A circulação transatlântica dos impressos – a globalização da cultura no século XIX”, coordenado pelos professores Márcia Abreu (UNICAMP) e Jean-Yves Mollier (UVSP-França), cujo objetivo é estudar as práticas culturais intrínsecas ao processo de circulação de impressos entre Inglaterra, França, Portugal e Brasil no chamado “longo século XIX”, bem como a acomodação em cada país das ideias neles envolvidas.

Nesse sentido, interessa saber quais obras literárias se tornaram populares entre o público leitor de Portugal e do Brasil, assim como analisar que relação existe entre os interesses de leitura de portugueses e brasileiros. A presente pesquisa recorreu a métodos distintos que permitem conhecer melhor quais romances foram mais populares nos dois países, de 1840 a 1870.

METODOLOGIA

1. Levantamento de dados brasileiros

Os anúncios de livros à venda em jornais diários de grande circulação têm nos levado a compreender quais obras estavam disponíveis nas livrarias em determinado período, sendo que a persistência destes romances nos anúncios aponta para sua popularidade entre o público leitor. Para esse levantamento, utilizei o *Jornal do Commercio* e o *Diário do Rio de Janeiro* como fontes primárias para a identificação das obras mais anunciadas no intervalo de 1840 a 1870, separando-as entre as originalmente escritas em português e as traduções de títulos estrangeiros.

2. Levantamento dados portugueses

Com a Bolsa Estágio de Pesquisa no Exterior (BEPE), financiada pela FAPESP, pude realizar a pesquisa em fontes secundárias sobre romances de sucesso. Acerca destas fontes, destaco a dissertação de mestrado de Luiz Alexandre Rodrigues Sobreira (1998) e o livro de A. A. Gonçalves Rodrigues (1992). O primeiro caso trata de um estudo sobre os “best-sellers” (expressão do autor) escritos em língua portuguesa, tendo como critério de análise o número de edições e de tiragem que determinadas obras tiveram no período, sendo assim uma referência para a pesquisa. Em relação ao livro de Gonçalves Rodrigues, um inventário com as traduções que foram lançadas em Portugal, pude conhecer quais eram os romances mais populares publicados em outras línguas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os levantamentos mencionados acima tiveram o seguinte resultado, disposto como tabela:

Língua original do romance:	Romances de sucesso em Portugal	Romances de sucesso no Brasil
Português	<i>A mão do finado</i> , de Alberto Hogan	<i>A mão do finado</i> , de Alberto Hogan 200 anúncios
	<i>Eurico, o presbítero</i> , de Alexandre Herculano	<i>A mocidade de D. João V</i> , de Rebelo da Silva 26 anúncios
	<i>Maria, não me mates, que sou tua mãe</i> , de Camilo Castelo Branco	<i>A moreninha</i> , de Joaquim Manoel de Macedo 23 anúncios
	<i>A virgem da Polônia</i> , de José Rodrigues Bastos	<i>Vida de D. João de Castro</i> , de Jacinto Freire de Andrade 12 anúncios
Francês	<i>O conde de Monte Cristo</i> , de Alexandre Dumas	<i>A marquesa ensanguentada</i> , de Condessa Dash 216 anúncios
	<i>Capitão Paulo</i> , de Alexandre Dumas	<i>A noite dos vingadores</i> , de Marquês de Foudras 58 anúncios
	<i>Os três mosqueteiros</i> , de Alexandre Dumas	<i>Os mistérios de Paris</i> , de Eugène Sue 31 anúncios
	<i>Os miseráveis</i> , de Victor Hugo	<i>O judeu errante</i> , de Eugène Sue 29 anúncios

CONCLUSÕES PRELIMINARES:

Primeiro, nota-se que não há necessariamente conformidade entre os interesses de leitura brasileiros e portugueses. A imprensa no Brasil ainda estava se desenvolvendo, uma vez que deixara de ser proibida apenas em 1808, com a chegada da Família Real Portuguesa, mas já demonstrava certa independência em relação a Portugal, constituindo relativa autonomia em se tratando da preferência literária de romances.

Há, entretanto, semelhanças indiscutíveis entre os dois países, sendo a principal delas a preferência pelo romance francês entre os leitores. No Brasil, eles constituem a maior parte dos anúncios de livros à venda. Já em Portugal, observamos que os romances franceses foram amplamente difundidos e traduzidos a partir do número de edições e reedições: nesse curto espaço de tempo, Alexandre Dumas contou com 109 traduções publicadas, segundo Rodrigues (1992).

Sobre a hegemonia dos romances franceses, destaca-se *A Mão*

do Finado como o romance mais popular em língua portuguesa nos dois países. Sobre este romance especificamente, ele foi publicado como se fosse uma continuação de *O Conde de Monte Cristo*, de Alexandre Dumas, ao passo que seu verdadeiro autor era Alfredo Hogan. Portanto, o público da época pensava que se tratava de mais um romance de sucesso francês, de autoria de Dumas. A confusão foi tamanha que a obra foi difundida em catálogos de livreiros franceses como sendo uma continuação de *O Conde*, sendo que o ocorrido chegou até o próprio A. Dumas, que reagira à situação escrevendo para o redator do *Jornal do Commercio* pedindo para “desmentir em meu nome essa notícia”.

Outra conformidade literária entre os países aparece no fato de que os livros mais frequentes são, em grande maioria, ignorados ou subvalorizados pela História Literária. Entre os franceses, a Condessa de Dash, pseudônimo de Gabrielle Anna de Cisternes de Courtiras, e o Marquês de Foudras, título de Louis Auguste Théodore, são autores desconhecidos atualmente, mas fizeram sucesso no século XIX. O mesmo se sucede com José Rodrigues Bastos, Jacinto Freire de Andrade, Rebelo da Silva e o próprio Alberto Hogan. Em se tratando de Camilo Castelo Branco, ainda que seja um autor canônico, a obra *Maria, não me mates, que sou tua mãe* não configura entre seus escritos mais célebres. No caso de A. Dumas, Victor Hugo e Eugène Sue, devo destacar que não eram escritores cujas obras pertenciam ao cânone literário oitocentista. Aliás, nem eles, nem o próprio romance, renegado a um gênero menor, alvo de censura e críticas severas.

As únicas exceções parecem ser *Eurico, o presbítero* de Alexandre Herculano, e *A moreninha*, de Joaquim Manoel de Macedo; casos de autores e obras consagrados.

